

# Otimismo sem compromisso com os fatos

Infelizmente, o otimismo da junta médica e da família não corresponde à realidade. Na madrugada do dia 26, ainda no Hospital de Base, em Brasília — ou seja, três dias antes de sua prevista posse — o presidente apresentou sinais de uma hemorragia intestinal e a equipe que o assistia resolveu transferi-lo para o Instituto do Coração do Hospital das Clínicas, em São Paulo.

De início, a família relutou. Mas os argumentos acabaram por convencer Dona Risoleta e Tancredo embarcou, às 6h58min para São Paulo, onde chegou às 7h55min, sendo levado de ambulância até o hospital, num percurso vencido em 25 minutos.

Os médicos ainda tentaram sustar a hemorragia por meios mecânicos, mas resolveram que era necessária nova operação: a terceira em 11 dias. "Vamos sair de mais esta" — teria dito Tancredo a Dona Risoleta. Mas a situação era grave. A operação durou cinco horas e 20 minutos. Como sempre, os boletins médicos afirmaram: "a terceira operação obteve pleno êxito, o paciente está se recuperando etc etc".

A verdade, entretanto, era outra: os cirurgiões extirparam um anel de um centímetro do intestino do presidente, onde se localizava o foco da hemorragia, mas isso não foi suficiente, pois constatou-se uma infecção adquirida ainda no Hospital de Base de Brasília.

A hemorragia foi vencida, mas a infecção, provocada por bactérias muito resistentes, persistia. Tancredo foi submetido a um tratamento à base de antibióticos importados e os boletins vieram, novamente, "tranquilizar" a Nação. Diziam que, se a infecção não estava cedendo, estava, pelo menos, sob controle.

Não estava. No dia 28, as manchetes dos jornais não deixavam dúvidas: "Tancredo agora luta contra infecção". A bactéria se instalou exatamente na incisão feita em seu abdômen, durante a segunda operação, e tornou ainda mais combatido o organismo de um paciente de 75 anos de idade, já abalado por um stress emocional durante a campanha e a escolha do Ministério, e agravado seriamente por duas operações anteriores.

"O quadro é de absoluta normalidade" — insistiam os médicos. A pressão do presidente era boa, sua temperatura estável, e ele apresentava, segundo o presidente em exercício, José Sarney, "excelente estado de espírito".

Chegou o dia 29 — quando deveria assumir a Presidência, segundo os médicos disseram após a segunda operação — e Tancredo mostrava "evidentes sinais de melhora". Pode-se dizer que o presidente **melhorava perigosamente**, pois à tarde, entre 15 e 17 horas, teve febre (37,5º) e sua frequência cardíaca subiu das 80 batidas normais por minuto para 105. As alterações cederam por volta das 20 horas, mas os médicos mantiveram-se em estado de alerta e, a partir daí, decidiram não fazer mais nenhuma previsão de alta. Isso não impediu que no dia 30 a junta afirmasse que o presidente vencera a fase mais crítica.

No dia 1º de abril — parece ironia do destino — os jornais publicaram que Tancredo estava tão bem que até iria participar das nomeações do segundo escalão: a infecção começava a ceder e o presidente perguntava insistentemente quando teria alta.

Não teria. No dia 2, os médicos já admitiam que o quadro clínico do presidente entrara "em fase de turbulência". A infecção persistia, apesar da constante troca de curativos e antibióticos, e Tancredo, em intervalos de seis em seis horas, aproximadamente, voltava a ter febres. O presidente já estava internado há 19 dias e segundo os médicos, "agora, quem deve resolver a parada é seu próprio organismo". Ou seja, a medicina, como Pilatos, lavava as mãos. Havia feito o possível.

Entretanto e infelizmente, o possível não foi suficiente. No dia seguinte, 3 de abril, a Nação, comovida e assustada, lia as manchetes: "Presidente submetido à quarta operação". O presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, velho amigo de Tancredo, chegou a chorar em seu gabinete. O governador Franco Montoro, também emocionado, afirmou, na oportunidade, que o fato de o presidente ter sido submetido a quatro operações em 20 dias significava que ele tem "muita saúde".

Nas ruas, o povo, incrédulo, falava em atentado a bala — um jornal chegou até a dizer que o disparo teria sido feito por um major — e recorria à macumba para tentar explicar o inexplicável: se Tancredo tinha

muita saúde, se recuperava bem, por que a quarta operação?

De acordo, mais uma vez, com os boletins médicos, tratava-se de extirpar uma hérnia de seu abdômen. A hérnia teria estrangulado uma alça intestinal e havia perigo de obstruir o intestino, o que seria fatal.

De novo, a operação foi um sucesso: o intestino foi desobstruído e Tancredo reagia "positivamente". Dava a impressão de que se tinha mais medo da opinião pública do que da possível morte do paciente.

No Congresso Nacional e no Planalto, perplexidade: o senador Fernando Henrique, tão logo soube da quarta cirurgia, correu em busca de um telefone reservado; Ulysses Guimarães, olhos vermelhos, tenso, procurava, sem encontrar, seu próprio gabinete; o presidente em exercício, José Sarney, mandou o ministro-chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, que cuidava da greve dos motoristas em Brasília, para São Paulo; pelo menos outros cinco ministros fizeram o mesmo.

Tancredo ficou lúcido durante toda a quarta operação, pois recebeu anestesia peridural, que atinge apenas a região inferior do corpo. Ao sair da sala de operações, disse a sua irmã, Esther: "Eu vou ganhar esta parada". O cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, que esteve no Instituto do Coração, deu sua opinião, esperançoso: "O homem quer viver".

Esperava-se o pior. Tancredo sobrevivia com a ajuda de aparelhos. Mas, surpreendendo a todos, ele resistiu à operação. Na Sexta-Feira Santa, uma nova onda de esperança espalhou-se pelo País. Tancredo acordara sem febre: o quadro infeccioso regredira. A inflamação nos pulmões estava sob controle dos médicos. Seu estado psicológico também era muito bom: chegou a escrever bilhetes aos médicos, fazendo referência a São João Del Rey e a D. Risoleta, e pedindo um rádio para ouvir os salmos da Sexta-Feira Santa. A situação, no jargão dos médicos, evoluiu de "crítica" para "delicada".

No sábado, os exames de tomografia e ultra-sonografia a que foi submetido indicaram que não existia novos focos infecciosos. O maior obstáculo era o crescimento da inflamação nos pulmões. Os médicos chegaram a descartar, de forma categórica, a necessidade de uma nova cirurgia. O governador Franco Montoro saiu do hospital entusiasmado com a recuperação do presidente: "O homem é de ferro", declarou ele aos jornalistas, sintetizando o otimismo reinante naquele momento.

E na quinta-feira Santa, de assustador o quadro tornou-se crítico: a infecção se alastrou e Tancredo voltou a ter problemas nos pulmões. Os médicos, sempre chefiados pelo cirurgião Henrique Walter Pinotti, decidiram: mais uma operação, a quinta. Em 20 dias.

Antes desta quinta operação, os médicos haviam preparado uma ambulância para levar o presidente ao Instituto de Tomografia, onde seria submetido a detalhados exames. Tomografia é o exame, através de sofisticada aparelhagem, que identifica se o paciente tem ou não tumores e se eles são benignos ou malignos. Mas acabaram desistindo da idéia e operaram o presidente na mesma sala onde foram realizadas as duas últimas cirurgias.

Depois da crise da quinta-feira Santa, Tancredo apresentou no dia seguinte sinais de recuperação e até pediu, à sua família, um rádio para ouvir músicas. Mas na terça-feira, dia 9, os brasileiros surpreenderam-se com a notícia de que Tancredo Neves havia se submetido a uma traqueostomia, seguida de uma crise cardiorespiratória. Era a sexta cirurgia.

No dia seguinte, o quadro apresentava-se grave e os médicos já admitiam que o desligamento da aparelhagem seria fatal. A persistência de focos infecciosos levou a equipe médica a optar por uma sétima cirurgia, no dia 11. Foi uma laparotomia, cirurgia exploratória para a limpeza da cavidade do abdômen, onde se constatou novo quadro infeccioso.

A partir daí a situação passou a se agravar rapidamente, com reflexos nas principais funções orgânicas e a utilização cada vez maior de meios artificiais para manter vivo o Presidente.

O relatório apresentado à opinião pública no dia 17, pelo professor doutor Pinotti, não convenceu, apesar da esperança que tentou criar. E realmente o caso estava perdido, como se veio constatar depois.